

pesar o perigo da força armada nas mãos de um príncipe jovem, rodeado de lisongeiros sem caráter, inimigos encarniçados do Brasil”.

Pregava a união para a defesa da Independência e da liberdade. Combatia a cúpula da Igreja, no caso do cabido de Olinda, cujos membros, dizia, “estimulam a servidão e o despotismo”. Sua linguagem ia em crescendo, aproximando-se da rebeldia. Elogiava o Ceará: “Ali alçou o grito à liberdade, e o seu eco fez estremecer o coração do Império”. Vergastava o massacre dos patriotas, assassinados, no Pará, no porão do brigue *Palhaço*: “Pois não vedes que aquele horrendo massacre foi feito pelos infames ingleses, a soldo do imperador, combinados com os portugueses, seus patrícios, e o governo de então do Pará, valongo de seus escravos?” Quer que todos participem da luta e caustica os apáticos: “Eis a razão por que se louva a lei de Sólon, que reputava infames aqueles que não tomavam algum partido nas sedições populares”. Combatia o preconceito de raça, afirmando: “já está à porta o tempo de muito nos honrarmos do sangue africano”. Seu adversário pior era José Fernandes Gama, da *Arara Pernambucana*, a quem atacava, esclarecendo que “idéias velhas não podem reger o mundo novo”. Revidando a frei Sampaio, do *Regulador Brasileiro*, declarava: “Não admitimos mais imposturas, conhecemos o despotismo, havemos de decepá-lo. Primeiro de todos os portugueses, concebemos a idéia de sermos livres, começamos a saborear as doçuras da liberdade e, para a defendermos e conservá-la, aventuramos afoitamente o amor da vida: somos indomáveis, e ainda nos jactamos de pisar sobre os ossos dos companheiros de Nassau”. Quando se assina o tratado de reconhecimento da Independência, aceitando cláusulas “cujo sentido vale por um opróbrio”, combate-as asperamente.

Era bem o homem da rebeldia de 1817, um daqueles que haviam transformado, segundo o conde dos Arcos, Pernambuco num “covil de monstros infiéis”, indivíduos “infames, ridículos, desprezíveis e bandidos”. Que servidores portugueses assim proclamassem, não espanta; espanta que a historiografia oficial tenha continuado a qualificá-los assim. Indivíduos que se portavam, entretanto, com austeridade indestrutível, comprovada pelo cronista que esclarece: “quando as tropas realistas retomam Pernambuco, lá vão encontrar, intato, num cofre, no engenho onde acampavam os revoltosos, tudo quanto as autoridades do governo haviam deixado no dia da capitulação”. Frei Caneca esposara a rebelião, estivera entre os trinta patriotas que a corveta *Mercúrio* levava para a Bahia, onde haviam sido metidos na cadeia da Relação, nela penando até que as Cortes lisboetas os mandassem libertar, em 1821. Vinculara-se às forças rebeldes, com frei Breyner, chefe de guerrilhas, como o padre Sousa. Fora acusado de “aprender o ofício de soldado, de ser muito influído no serviço, de ser declama-